



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6978 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

“DESEJAMOS INCLUIR, NA PAUTA, A DISCUSSÃO SOBRE O CURRÍCULO”:

MOVIMENTO ESTUDANTIL E CURRÍCULO(S) EM DISPUTA

Fernando Guimarães Pimentel - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

**“DESEJAMOS INCLUIR, NA PAUTA, A DISCUSSÃO SOBRE O CURRÍCULO”:
MOVIMENTO ESTUDANTIL E CURRÍCULO(S) EM DISPUTA**

O presente trabalho tem como proposta apresentar um recorte da pesquisa de Mestrado realizada entre os anos de 2014 e 2016. Nela, discutimos o currículo de graduação de História (bacharelado e licenciatura) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, campus Maracanã, bem como analisamos a participação do movimento estudantil do curso na disputa sobre os sentidos do currículo. No recorte que será apresentado a seguir abordaremos esse último aspecto, apresentando e analisando a atuação do movimento, suas pautas, táticas e estratégias, sucessos e insucessos entorno da agenda curricular.

No cenário da política curricular da UERJ/Maracanã notaremos que, a partir da segunda metade da década de 2000, a participação dos/as estudantes se intensificou e gerou um movimento político entorno do currículo capaz de, no ano de 2012, conduzir à criação de uma comissão de Reforma Curricular, da qual fizeram parte, de forma paritária, alunos/as e professores/as. Esse processo emergiu como parte consubstancial do objeto de pesquisa, por nos direcionar para o cenário, aqui em relevo, no qual é possível iniciar uma reflexão sobre quais as mudanças que a intensificação da participação estudantil na política universitária logrou alcançar e como essa participação fez emergir questões antes veladas pela estrutura universitária.

Nesse estudo, destacaremos a atuação do coletivo Filhos da Pública, que surge no ano de 2007 já enquanto chapa eleita para a gestão do Centro Acadêmico de História da UERJ/Maracanã (CAHIS) naquele ano. Em 2006 alguns estudantes se colocaram a disposição para gerir um centro acadêmico que estava abandonado, reformando sua sede e se elegendo, no ano seguinte, num escrutínio de apenas uma chapa. As gestões dos Filhos da Pública iriam se suceder por oito anos no CAHIS conquistando uma série de pautas e deixando como marca a disputa pelo currículo do curso.

Metodologicamente, nesse recorte, lançamos mão da escrita autobiográfica, considerando que o tema pesquisado estava intrinsecamente relacionado à minha vivência como estudante de graduação. Cotejamos essa experiência com entrevistas semiestruturadas realizadas com cinco estudantes e cinco professores/as, além da análise de material escrito, publicado em

forma de periódicos semanais pelas gestões do CAHIS da UERJ/Maracanã entre os anos de 2008 e 2013.

É necessário levarmos em conta que o texto, seja escrito, seja oral, pode ser compreendido a partir de três vértices, como sugere Barros (2004, p. 138): um lugar de produção, um conteúdo (intenção, mensagem) e um lugar de recepção (ou de destino). Dessa forma, analisá-lo significa buscar a compreensão não somente dos aspectos intratextuais, ou seja, de seu conteúdo propriamente dito, mas além, compreendê-lo em perspectiva com outros textos (ou fontes) que possam contribuir em sua significação ou mesmo indicar contradições e, não menos importante, identificar e relacioná-lo como contexto, quer dizer, com os aspectos externos que o localizam no tempo e no espaço e tem a ver tanto com as intenções de quem o produz quanto com as possibilidades de recepção do/a interlocutor/a (BARROS, 2014).

No campo da Educação, bem como em outras áreas de conhecimento tem-se incentivado e valorizado um fazer na(s) pesquisa(s) que insere o/a próprio/a sujeito pesquisador no objeto estudado. As autobiografias tem ganhado espaço e relevância como fonte e metodologia nas mais diversas áreas, (re)tornando o sujeito ao posto de ator ou atriz dos eventos que narra, descreve e analisa. Em diálogo com essa forma de fazer pesquisa, buscaremos considerar a autobiografia como mais uma ferramenta útil na análise de nossos objetos, cotejando, evidentemente, às outras fontes já descritas anteriormente.

Miguel Arroyo (2013) considera o currículo como um texto que, muitas das vezes, permanece fechado para as experiências dos/as alunos/as, dos docentes e das comunidades, cioso de proteger e garantir determinado tipo de conhecimento já estabelecido. Que papel tem cumprido os currículos enquanto estruturantes do fazer docente e, conseqüentemente, do processo de ensino e aprendizagem? Os currículos têm permitido o diálogo entre os sujeitos que participam desse processo? São capazes de criar canais de mão dupla para a inserção de saberes que não estão previamente agendados para serem abordados? O autor se vale de uma metáfora muito acertada para responder negativamente a essas questões: os currículos funcionam como grades com a dupla função de proteger os conhecimentos definidos como legítimos e não permitir a entrada dos considerados ilegítimos, do senso comum (ARROYO, 2013, p. 17).

Um entendimento conceitual sobre movimento estudantil nos oferece Maria da Glória Gohn (2011) a partir de suas análises sobre movimentos sociais. Para a autora, estes se caracterizam pelas ações sociais coletivas de cunho sociopolítico e cultural viabilizando formas de organização da população para reivindicarem demandas específicas. Diversas são as estratégias utilizadas que podem conter mobilizações, passeatas, atividades em redes de comunicação etc (GOHN, 2011). Diferentes, também, são as características e os objetivos desses movimentos que variam de acordo com sua composição (movimento estudantil, negro feminista etc.).

Nossa atuação no Centro Acadêmico de História da UERJ/Maracanã nos possibilitou, portanto, conhecer a instituição e o curso a partir de perspectivas diferentes daquelas de um/a graduando/a regular. Dedicávamo-nos ao estudo daquele espaço de formação acadêmica, sendo possível conhecer e discutir importantes obras na área, desde a história da UERJ, através do trabalho da professora Deise Mancebo (1996), por exemplo, até autores como Anísio Teixeira, Álvaro Vieira Pinto e Darcy Ribeiro. Desses dois últimos, as obras *A Questão da Universidade* e *A Universidade Necessária*, respectivamente, embasam boa parte das hipóteses e discussões que defendi no trabalho de conclusão de curso e perpassaram direta ou indiretamente a dissertação de mestrado.

Finalmente, podemos dizer que impera certa dificuldade de pensar o(s) currículo(s) de forma ampliada e aberta, integrada entre os sujeitos que dele coparticipam (professores/as e

alunos/as). Esta decorre da falta de espaços, ou momentos de discussão pedagógica. Sendo o currículo um documento aberto – ou que deveria ser, que não se encerra no momento de sua confecção, seria produtivo encará-lo dessa forma, estabelecendo canais de debates e possibilidades de construção e reconstrução coletiva, de modo que o torne menos obsoleto, menos intransigente. A organização de espaços instituídos para discussão permanente sobre o(s) currículo(s) pode ser uma maneira interessante de continuar a trilhar a democratização da produção de conhecimento e a superação dos ranços coloniais e autoritários da universidade.

Palavras-chave: Currículo. História. Movimento estudantil. Universidade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. *Currículo, território de disputas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

BARROS, José D'Assunção Barros. *O campo da História*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

CADERNO DE ENTREVISTAS. Entrevistador: Fernando Guimarães Pimentel. Rio de Janeiro, 2015- 2016. Vários arquivos .mp3. Entrevistas concedidas por estudantes e professores para a pesquisa de mestrado.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais na contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 mai-ago. 2011.

MANCEBO, Deise. *Da Gênese aos Compromissos: uma história da UERJ*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de & VICENTINI, Paula Perin. *Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização*. Educ. rev. Vol.27 n.1 Belo Horizonte, abr. 2011.

PINTO, Álvaro Vieira. *A questão da universidade*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

RIBEIRO, Darcy. *A Universidade Necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.